



O CUIDADO ENQUANTO PROMOÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E SAÚDE PARA MULHERES NEGRAS EM CONTEXTO DE PRISÃO

Alessandra Leal Guedes¹, Rozeli Maria Porto²

¹Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Mestranda do Programa de Antropologia Social - PPGAS, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E-mail: aleh.l@hotmail.com; ²Graduada em Ciências Sociais (1996), Mestrado e Doutorado em Antropologia Social (2002/2009) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pós-doutorado em Antropologia Social pela Universidad de Sevilla-España (2016). E-mail: rozeliporto@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta uma pesquisa que está em desenvolvimento e tem como objetivo analisar as práticas de saúde e as práticas de cuidado entre mulheres negras encarceradas em uma Unidade Prisional no interior do Estado da Bahia. A metodologia empregada neste estudo é o método qualitativo, com entrevistas semiestruturadas, além disso trata-se de uma pesquisa-ação, executada a partir de oficinas, as quais terão como temática central o cuidado, por meio de dinâmicas coletivas, práticas terapêuticas, artesanato e escuta afetiva. Tal metodologia busca dar conta de compreender as noções de cuidado para estas mulheres encarceradas e também para as/os profissionais de saúde atuantes na referida Unidade, além da identificação dos desafios e perspectivas das práticas de saúde e do cuidado, enquanto um caminho de humanização das pessoas privadas de liberdade e de práticas para o desencarceramento.

Palavras-chave: Práticas de Saúde, Cuidado, Mulheres Negras, Encarceramento Feminino.

Introdução

A inserção da mulher negra na sociedade brasileira, conforma um quadro de desigualdade muito particular, cuja estrutura teve sua origem no processo de colonização e escravização das populações africanas. Por sua vez, a população carcerária de mulheres negras no país vem indicar a face mais perversa da sociedade brasileira, fruto do racismo estrutural e institucional^a, e dos resquícios de ideias hegemônicas do período colonial, onde os castigos e punições eram práticas instituídas aos colonizados, como forma de autoridade, controle e exploração da população africana sequestrada do continente Africano.

As prisões são espelhos de nós mesmas - da sociedade como um todo, pois refletem as diversas

formas de violência pelas quais vamos estabelecendo e naturalizando as relações sociais no cotidiano, além de também refletir a funcionalidade das instituições. Nesse sentido, a autora também afirma que “ao não falarmos das prisões, consentimos com a situação de total desrespeito ao humano, vivenciada e reproduzida cotidianamente nesses espaços¹.”

Ademais, os dados oficiais das penitenciárias evidenciam que o Brasil possui a 4ª maior população carcerária feminina do mundo, além disso quase 70% das mulheres presas são negras². Essa presença massiva de mulheres negras nas prisões reforça uma histórica vulnerabilidade social e epidemiológica dessa população. Por esse motivo, essa pesquisa está centrada no estudo interseccional da condição das mulheres negras aprisionadas, embora existam também mulheres não-negras nas prisões.

O objetivo deste estudo, que ainda está em desenvolvimento, é investigar como as práticas de

^a “É a dimensão mais negligenciada do racismo, desloca-se da dimensão individual e instaura a dimensão estrutural, correspondendo a formas organizativas, políticas, práticas e normas que resultam em tratamentos e resultados desiguais.” (Werneck, 2016, p.541).



saúde e cuidado na prisão impactam a vida de mulheres negras encarceradas e compreender as noções de cuidado para elas, e para os profissionais de saúde atuantes no Presídio^b Regional Nilton Gonçalves, na cidade de Vitória da Conquista no Sudoeste da Bahia, a fim de também identificar os desafios e perspectivas para uma efetivação mais humanizada de práticas de saúde, cuidado, e para o desencarceramento.

Material e Método

A metodologia empregada neste estudo é o método qualitativo, com entrevistas semiestruturadas, além disso trata-se de uma pesquisa-ação. Assim, no sentido de reunir elementos para compor essa análise qualitativa, esta pesquisa também será construída a partir dos resultados obtidos através de oficinas, com as mulheres internas da Unidade Prisional.

As oficinas estão em fase de planejamento e levantamento de recursos financeiros, pois serão realizadas em três etapas, e terão como temática central o cuidado, por meio dinâmica corporal, práticas terapêuticas (escalda-pés, auto massagem e aromaterapia), confecção de cadernos artesanais afim de se utilizar da linguagem artística, através de registros escritos e/ou visuais para que as participantes possam expressar o que entendem/sente como cuidado. Esta atividade será desenvolvida no módulo prisional feminino com as

mulheres que se dispuserem a participar, e será um dos caminhos para construir vínculo de confiança com as possíveis interlocutoras no campo, e dar seguimento à etapa seguinte da pesquisa, as entrevistas.

Após a execução das oficinas, será iniciada a etapa das entrevistas, que serão semiestruturadas, direcionadas a algumas mulheres negras em situação de prisão e egressas do sistema prisional. Além dos profissionais da área de saúde e serviço social. Para a viabilidade do levantamento e, posteriormente, publicação dos dados obtido, esse projeto de pesquisa será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A etapa seguinte da pesquisa prevê a análise das informações obtidas com as oficinas e entrevistas, e o desenvolvimento da discussão teórica perpassando por diferentes campos de saberes suscitados.

Até o momento vem sendo realizadas observações na Unidade Prisional, na parte interna onde ficam os setores administrativo, de saúde e assistência social e na parte externa onde é possível observar o fluxo de pessoas na Unidade, em dias comuns e dias de visita dos familiares dos/das internas. Tudo tem sido registrado em diário de campo, que também é utilizado como instrumento metodológico.

Outra ferramenta teórica metodológica imprescindível nesse estudo é a interseccionalidade, que é um conceito metodológico da epistemologia do feminismo negro, e tem nos guiado na

^b O Presídio Regional Nilton Gonçalves, fica localizado na cidade de Vitória da Conquista no Sudoeste da Bahia. Trata-se de uma prisão mista, de regime semi-aberto para os homens e regime provisório e semi-aberto para as mulheres. Até o mês de junho de dois mil e vinte e dois existiam vinte e sete mulheres custodiadas na referida Unidade.



compreensão sobre o modo como “as condições estruturais e institucionais do racismo, do sexismo e outras violências se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras”³, principalmente ao se tratar das mulheres que estão em privação de liberdade nas prisões.

Além disso, demarcamos nesta pesquisa uma abordagem teórica decolonial, e a partir da epistemologia do feminismo negro, tecendo diálogos entre os campos das Ciências Sociais, da Saúde e da Filosofia e do Direito. Dentre algumas dessas referências estão, Angela Davis (2019), Carla Akotirene (2018), Juliana Borges (2017), Jurema Werneck (2016), Acquillie Mbembe (2017), Ana Flauzina (2006), Molefi Kete Asante (2014) Lélia Gonzales (2020), Ayres (2011), dentre outras.

Resultados e Discussão

No que diz respeito à saúde da população feminina encarcerada, assim como da saúde da mulher negra no Brasil, é uma área de conhecimento ainda pouco tocada nas Ciências da Saúde. Além disso, a autora afirma que “é inexpressiva a produção de conhecimento científico nessa área e o tema não participa do currículo dos diferentes cursos de graduação e pós-graduação em saúde, com raríssimas exceções”⁴.

O direito à saúde da população privada de liberdade, é previsto na Constituição Federal de 1988, na Lei 8.080/1990, que regula o SUS, e na Lei 7.210/1984, Lei de Execução Penal. Entretanto, nos relatórios penitenciários não são revelados os dados epidemiológicos ou de saúde mais consistentes e

referentes a população negra encarcerada, consta apenas um indicador sobre os tipos e quantitativos de atendimentos médicos, que diante de um contingente de pessoas aprisionadas mostra que, o número de profissionais e oferta de atendimentos são insuficientes².

Diante desse cenário, em relação a situação epidemiológica da população de mulheres encarceradas na Bahia, a vulnerabilidade da população negra encarcerada demonstra a forma como a instituição prisional inferioriza as mulheres negras, ao passo que “na saúde, as mulheres encarceradas vivem a condição de inferiorizadas porque são doentes simultaneamente à condição de doentes por serem negras”⁵. O que nos permite entender que a situação das mulheres negras encarceradas é marcada pelo aprofundamento do sexismo e do racismo institucional. Desta maneira, elas são recolocadas em um cenário de desamparo de seus direitos básicos, os mesmos motivos que precedem a entrada dessas mulheres no cárcere, e que, ao mesmo tempo, reforça o quadro de vulnerabilidade social e epidemiológica da população negra.

Em relação a compreensão das especificidades do cuidado e das práticas de saúde no contexto da prisão, é possível inferir que as noções de cuidado se constroem e se modificam a partir de diferentes contextos sociais, vivências, além de serem atravessadas pelas questões de gênero, raça, classe, geração, orientação sexual, e outros marcadores sociais.



Escolher o cuidado como categoria central e transversal para um exercício de pesquisa, reflexão e crítica exige considerar as diferentes acepções que a palavra comporta e assumir a constatação de que não existe uma definição global e única para o cuidado, pois se trata de um conceito polissêmico⁶.

Essa dimensão polissêmica do cuidado vem sendo estudada nesta pesquisa no intuito de encontrar os melhores caminhos para a discussão teórica, uma vez que pesquisas voltadas para essa temática, exige a adoção de uma postura holística que perpassa por diferentes áreas de conhecimento, como das Ciências da Saúde e Sociais, e também os saberes e práticas ancestrais, como por exemplo o Cuidado pensado numa perspectiva da filosofia africana da “ética do cuidado”, que tem apontado caminhos importantes para o desenvolvimento deste estudo e das oficinas.

A ética do cuidado é oriunda da relação, comunhão coletiva de modo circular, horizontal. Onde todas as pessoas estão inseridas e todas são importantes, aprendendo/ensinando, trocando, fortalecendo e o horizonte é o bem-viver. Nosso ensinamento/aprendizado é o ser/cuidar! A filosofia africana é compreendida como uma ética do cuidado, por ser uma filosofia da ação, uma prática comunitária em torno do bem-viver e da escuta sensível, ou seja, relação ancestral com a vida, com o mundo⁷.

Considerações Finais

Todo o processo de pesquisa na prisão tem sido intenso e desafiador, o contexto de pandemia despontou como o primeiro impasse para a

realização da pesquisa in loco, pois as visitas no presídio foram suspensas, e o acesso aos setores da instituição estavam limitados. Por isso, algumas etapas da pesquisa precisaram ser replanejadas, com algumas mudanças de percurso. Atualmente as visitas já estão acontecendo, bem como o acesso às instâncias administrativas, o que tem possibilitado o avanço da pesquisa.

Outro atravessamento desse processo de pesquisa que importa ser pontuado dentre outros que coexistem, é sobre eu ser uma pesquisadora negra e perceber a forma como o meu corpo é lido naquele espaço, onde não sou poupada de ser estereotipada e alvo do racismo.

A possibilidade de ser afetada durante o trabalho de campo pode ser potente, tanto como uma dimensão central da pesquisa, como para repensar a forma como essa instância dos sentidos se manifesta na experiência de pesquisa na Antropologia⁸.

“A prisão é uma instituição profundamente conectada com a manutenção do racismo”⁹. Tendo isso em vista, no caso da pesquisa em prisão, sendo eu uma pesquisadora negra e considerando que a realidade das mulheres aprisionadas na Unidade pesquisada é um retrato fiel dos marcadores sociais da população carcerária feminina do país, majoritariamente negra e jovem, diria que essa dimensão da afetação, a qual me aproxima dessas mulheres presas também pelos marcadores sociais em comum (raça, classe, geração, sexualidade), se torna uma faca de dois gumes: de um lado a



possibilidade de transformar essas afetações em potência propulsora para a pesquisa e do outro, um dilaceramento psíquico e emocional provocado pelo racismo.

Por isso, este estudo é situado a partir de uma abordagem teórica decolonial, e da epistemologia do feminismo negro, além de outros autores afroreferenciados, para compreender as especificidades das práticas de saúde e o cuidado direcionado às mulheres negras em uma Unidade prisional do interior do Estado da Bahia, ademais, para pensar medidas de desencarceramento, antiproibicionistas, alicerçada na perspectiva do abolicionismo penal.

Referências

1. Borges J. *Prisões: espelhos de nós*. São Paulo: Editora Todavia. 2020.
2. Brasil. Ministério da Saúde. *Levantamento Nacional de Informações penitenciárias: INFOPEN Mulheres - Junho 2016*, Ministério da Justiça, 2017. Disponível em: <<http://ittc.org.br/infopen-mulheres-2017-direito-saude-educacao-e-trabalho/>>. Acesso em 08 nov 2021.
3. Akotirene C. *O que é a interseccionalidade*. Belo Horizonte: Letramento, Justificando. 2018.
4. Werneck J. Racismo institucional e saúde da população negra. *Saúde Soc. São Paulo*. 2016; 25(3):535-549.
5. Silva CAS. *Ó Pa í Prezada! Racismo e sexismo institucionais tomando bonde no Conjunto penal feminino de Salvador*. 2014. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/18987>>. Acesso em 08 nov 2021.
6. Sá MC, Tavares MFL, De Seta MH. *Organização do cuidado e práticas em saúde: abordagens, pesquisas e experiências de ensaio*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2018.
7. Machado AF. *Filosofia Africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento*. *Problemata: Rev Intern Fil*. 2019; 10(2):56-75.
8. Favret-Saada J. *Ser afetado*. *Cadernos de Campo*. 2005; 13:155-161.
9. Davis A. *Mulheres, raça e classe*. Penguin Books Limited. 2019.